

**[DISCURSOS URBANOS MARGINAIS]****A CRIAÇÃO SIMBÓLICA E INTEGRAÇÃO CULTURAL NA UNIVERSIDADE**

**BRUNA LOPES SILVA<sup>1</sup>; KELLY WENDT<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [silvabrunalopesart@gmail.com](mailto:silvabrunalopesart@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [kelly.wendt@hotmail.com](mailto:kelly.wendt@hotmail.com)

**1. INTRODUÇÃO**

O presente texto tem por objetivo relatar os aspectos poéticos e práticos que permearam a criação do trabalho *[Discursos Urbanos Marginais]* evidenciando e incentivando à produção de arte contemporânea no espaço da universidade. O exercício da criação na academia compreende na reflexão de uma produção textual e prática, colocando o aluno em contato com o universo das artes visuais. Os palestrantes do III Colóquio Internacional organizado por BRITES e TESSLER (2002) abordam no livro *O meio como ponto zero*, que a pesquisa em arte surge no desenvolvimento da produção dos artistas através de seus posicionamentos críticos acerca do mundo e da própria arte.

Neste sentido, o fomento à criação deu-se através do projeto de extensão “Práticas Artísticas Contemporâneas” vinculado a Pró Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), coordenado pela professora Kelly Wendt<sup>1</sup> no qual iniciou suas atividades durante a Bienal Internacional de Arte e Cidadania da UFPel. O projeto previa a concepção e execução de uma intervenção artística no Campus Anglo, sob orientação dos professores Helene Sacco e Daniel Acosta<sup>2</sup>, produzindo o trabalho em todas as vertentes necessárias para a apreciação artística e estética.

Do exercício de reconhecimento da cidade como lugar comum de nossa existência vulgar e através da análise social no que diz respeito à estrutura das normas e das desigualdades tradicionais entre os sujeitos, projetei *[Discursos Urbanos Marginais]*. Este preza a reflexão acerca do espaço urbano, destacando as escritas marginais manifestadas através de pixações com conteúdo de cunho político, que se apresentam em quantidades significativas nas ruas, originando uma nova vertente da expressão brasileira. O conteúdo foi registrado na deambulação da artista, nas regiões do Centro e do Porto da cidade de Pelotas, ao longo do segundo semestre de 2015.

---

<sup>1</sup> Kelly Wendt é professora do curso de Bacharelado em Artes Visuais, área de Gravura, doutoranda em Poéticas Visuais.

<sup>2</sup> Helene Sacco é professora colaboradora no Mestrado em Artes Visuais e professora nos cursos de graduação na área de Escultura na Universidade Federal de Pelotas, doutora em Poéticas Visuais; Daniel Acosta é professor dos cursos de Arte na Universidade Federal de Pelotas na área de Escultura, doutor em Artes;

## 2. METODOLOGIA

O ponto de partida do projeto culminou na escolha do tema *[pixo]* e sua possível aplicabilidade na construção de um objeto estético. Através de uma poética de *apropriação*<sup>3</sup>, após uma visita ao depósito de materiais inservíveis da Universidade Federal de Pelotas, foram identificadas duas estruturas de estufa que possibilitariam a criação de uma obra que envolveria o corpo do expectador com as palavras transcritas.

A investigação acerca dos *discursos* teve seu início a partir de longas caminhadas nas regiões escolhidas onde foram registradas em imagens e anotações as frases de conteúdo político que parasitam os muros das propriedades. A partir dos dados colhidos com a caminhada, projetei uma diagramação das mensagens anônimas recolhidas, evidenciando-as numa tradução tipográfica que combina uma série de retas (Fig. 1)em alusão à uma caligrafia que tenta não expor traços da individualidade já que o conteúdo do texto é de citação, ajustadas ao espaço do suporte: vidro, liso, transparente.

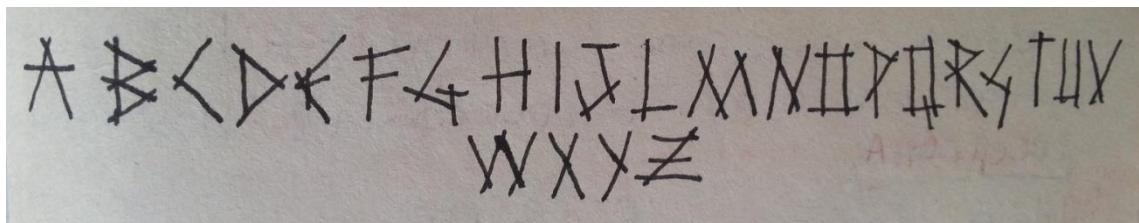


Figura 1: fonte composta por conjunto de linhas desenvolvida para o trabalho

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O sociólogo francês Pierre Bourdieu<sup>4</sup> em seu livro *O poder simbólico* define sua tese acerca dos sistemas ideológicos hierarquizantes, no fundamento de uma teoria geral dos campos nas ciências sociais, como ferramenta de dominação que privilegia a ordens pré-dispostas na velha luta de classes, proposta por Marx<sup>5</sup>. A

<sup>3</sup>O conceito de apropriação nas artes visuais foi adaptando-se, a partir das colagens cubistas no início do século XX, dos *ready-mades* de Marcel Duchamp e posteriormente explorado nas *assemblages* das décadas de 60 e 70. Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural “O termo é empregado pela história e pela crítica de arte para indicar a incorporação de objetos extra-artísticos, e algumas vezes de outras obras, nos trabalhos de arte.” Online. Acessado em 5 ago. 2016. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3182/apropriacao>

<sup>4</sup> Pierre Bourdieu (1930 – 2002) foi um filósofo e sociólogo francês com uma extensa obra teórica, que serve-se de e para diversas pesquisas em áreas como a antropologia, a história e as artes visuais. *O poder simbólico*, seria aquele intrínseco às relações sociais e de certa forma *alienante* aos seus subordinados – definidos hierarquicamente – já que “num estado de campo em que se vê o poder por toda a parte, (...) é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos (...) o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” cit. p. 9

<sup>5</sup> Karl Marx (1818 – 1883) foi um filósofo, sociólogo e revolucionário socialista. Sua obra teórica segue seus princípios de militância acerca da exploração do proletariado e combate ao sistema capitalista no século XIX, sendo também o idealizador do conceito de comunismo. Marx defendia que a divisão da sociedade em classes era proveniente da *divisão social do trabalho* visando a separação dos grupos com base em seus respectivos

classe dominante, dentro do sistema que vivemos, possui o poder de expor suas ideias no contexto urbano, visto que

As relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações (BOURDIEU, 1989).

A pixação, como objeto de análise, define a subversão das lógicas dominadoras na sociedade desigual contemporânea através de sua forma e conteúdo. Frases como *justiça pelos torturados / 64 nunca mais / uma mulher foi estuprada* entre muitas, materializam pontos de vista críticos aos sistemas legitimados cotidianamente, como a aversão ao poder militar ou a luta de grupos específicos como o movimento feminista. A apropriação dos indícios discursivos expostos nas fachadas da cidade funciona como forma de repensar estruturalmente as ideologias que o espaço urbano sustenta. Neste trecho do texto *A guerra à pixação na “Cidade Cultura”* o autor argumenta:

O direito à cidade perpassa pela efetivação dessas atividades específicas. Criminalizar condutas como o ato de manifestar-se, seja intelectualmente ou através de ações materiais diretas como a pixação, denota um raciocínio calcado principalmente em preceitos de ordem estético-moral e financeiros (HOFFMEISTER, 2015)

A pichação é um movimento próprio à estética urbana brasileira, e através da *alienação cultural* a prática é considerada socialmente de maneira negativa – e não expressiva. A estética urbana é caótica e impositiva no que diz respeito à publicidade e a propaganda, argumentações relativas à ‘poluição’ visual são contraditórios nos consensos da privatividade de tais expressões particulares/revolucionárias que não seguem lógicas econômicas.

Sob este ponto de vista, o trabalho pretende articular reflexões entre o espectador e o objeto de arte usando as estruturas de ferro recobertas por placas de vidro – iluminadas por duas lâmpadas posicionadas no topo – que em seu aspecto conceitual denotam materiais recorrentes na arquitetura contemporânea pós-industrial, servindo de suporte para as palavras escritas com caneta Posca<sup>6</sup> vermelha. A palavra cerca, a cabine encobre, revela, cita, ressignifica. A citação às resistências culturais busca envolver o corpo-expectador num dentro-fora que questiona o sentimento de pertencimento do espaço, gerando uma sensação visualmente dialética. Eu cito as *falas dos muros* para fomentar a articulação das mensagens e o diálogo crítico social que abordam, na esperança do reconhecimento dos diversos pontos de vista dos marginais dominados.

---

meios de produção – relação dominado x dominante. Dentre suas obras destaco *O Capital; A Ideologia Alemã; Manifesto do Partido Comunista;*

<sup>6</sup>Posca é a marca da caneta hidrocor permanente utilizada à aplicação em superfícies diversas, usualmente utilizada na prática da pixação.

## 4. CONCLUSÕES

O projeto Práticas Artísticas Contemporâneas motiva o desenvolvimento da autonomia do artista enquanto futuro participante do mercado de arte, através dele o aluno experimenta a realidade da execução de um projeto em arte. Ao instalar objetos de arte no campus da universidade, o projeto propõe aos estudantes, comunidade geral e acadêmica o contato com a produção cultural contemporânea local. Desta forma, a UFPel estimula enriquecer a experiência artística entre os diferentes públicos que frequentam o campus e a reitoria.

A experiência obtida através da proposta foi de fundamental importância no desenvolvimento da formação do aluno-artista, que dialoga com o sistema de funcionamento da arte contemporânea brasileira, incentivando o fazer artístico do estudante de Bacharelado em Artes Visuais e a divulgação do seu trabalho para comunidade acadêmica e geral.

Pôr as pautas presentes em nosso cotidiano em reflexão é de fundamental importância na construção do conhecimento e da cultura na comunidade acadêmica em geral. O trabalho nasce da experiência social e pessoal com a cidade, impregnada de crítica que repete, reproduz questionamentos acerca de lógicas opressoras. Reflexões, opiniões, tentativas, execuções: para falar de arte é preciso falar de processo. Podemos e devemos com ela adentrar o universo cotidiano de seu tempo, lugar que acontece a ação, por meio de erros, descobertas, referências, e intuição. O fazer artístico é complexo e individual, cunhado na visão do artista que destina a sua importante arte de produzir e fixar seu fazer no curso da vida.

## 5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICOS

BRITES, B; TESSLER, E. Org. **O meio como ponto zero**: Metodologia de pesquisa em Artes Plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS; 2002.

BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz; Ed. Bertrand Brasil S.A., 1989.

CADÔR, A. B. **Imagens Escritas**. 2007, 177f. Dissertação (Mestrado em Artes) Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Estadual de Campinas.

FERRARA, L. D. Org. **Espaços comunicantes**. São Paulo: Annablume; Grupo ESPACC, 2007.

HOFFMEISTER, G. P. **A guerra à pixação na “Cidade Cultura”** Revista O Viés, Santa Maria, 27 fev. 2015. Acessado em 20 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://www.revistaovies.com/artigos/2015/02/guerra-a-pixacao/>